

A mão da educadora



ANNA TARDOS

Revista INFANCIA número 11, 1992

O Instituto Emmi Pikler de Budapest, que familiarmente conhecemos pelo nome de Lóckzy, rua em que está situado, acolhe a crianças, desde o nascimento até os seis anos, que por razões diversas, não podem ser atendidas por suas famílias.

Para os responsáveis do centro, a formação dos funcionários é um tema-chave, cuidadosamente preparado e levado à prática. A função da maternidade que as educadoras realizam em um contexto diferente ao da família, há de garantir uma relação pessoal-afetiva com os pequenos, capaz de potencializar

o necessário desenvolvimento harmônico e equilibrado de sua personalidade. “A mão da educadora” é um exemplo da sensibilidade com que se tratam os mínimos detalhes e do valor que se dá às atitudes aparentemente irrelevantes neste contato diário e regular adulto-bebê dentro de uma atmosfera acolhedora e extremamente humana.

Gostaria de demonstrar, por meio da análise de alguns exemplos observados na prática, que no processo de atenção o contato corporal é às vezes ofensivo, incômodo e inclusive pode provocar sentimentos de frustração na criança; assim mesmo, falarei do que podemos fazer para que este contato consiga sua verdadeira função.



O bebê, desde muito pequeno expressa com seu comportamento o que experimenta quando o adulto que cuida dele toca certas partes ou todo seu corpo, quando o mexe e o pega no colo.

Com movimentos agradáveis, até o recém-nascido fica relaxado quando se encontra entre mãos carinhosas que o pegam e o seguram.

Quando nos ocupamos dele se for com prazer, ele se sente bem durante a higiene, o banho, enquanto o vestimos e tiramos a sua roupa, fica cada vez mais relaxado. Poderíamos dizer que o pequeno se prepara para que o adulto o pegue e, enquanto o veste

e lhe dá banho, relaxa seu corpo bem antes de que o adulto o toque. De um modo quase automático continua os movimentos iniciados pelo adulto.

As experiências agradáveis, adquiridas durante o tempo em que passam juntos, enriquecem e diversificam as relações entre a criança e o adulto: fazem que as reações sejam cada vez mais estreitas, enquanto as experiências desagradáveis inquietam a criança, provocam-lhe ansiedade e chega a desconfiar do adulto.

Por exemplo, um gesto brusco ou inesperado pode ser desagradável para o bebê. O recém-nascido treme quando sente que o tocam inesperadamente.

Tentar ter acesso a diferentes partes do seu corpo por meio de gestos bruscos ou muito fortes é, para o pequeno, uma fonte de sensações desagradáveis. Para se fazer que ele vire a cabeça, ou levante as pernas ou braços a partir da postura espontânea, não esperamos com paciência que relaxe os músculos, os movimentos do adulto terão que vencer, efetivamente, sua resistência. E isso requer esforços consideráveis por parte do adulto.

Dessa forma, gestos realizados com cuidado podem resultar bruscos e desagradáveis para a criança.

Com frequência, o mal estar provém da mudança de equilíbrio do bebê. Por exemplo, durante os primeiros meses de vida se não seguramos bem sua cabeça a criança faz grandes esforços para impedir que se mexa e caia para trás. Mas seus esforços não são sempre eficazes. As experiências se são desagradáveis, associadas ao gesto do adulto, se repetem, a criança esperará, seja com uma irritação passiva, seja com uma resistência crispada, o final do momento de tirar a roupa, tomar banho e voltar a vestir. (o final do momento em que tiram sua roupinha, lhe dão banho e voltam a vestir ele.)

Quando o resultado é esse, os momentos passados com o adulto – que se repetem por várias vezes ao dia – não serão uma fonte de alegria, senão uma experiência desagradável que a criança suportará mal.

O bem estar da criança depende, principalmente e em grande medida, do adulto, ou seja, da maneira como este o toca. Em relação com a questão – “da mão da educadora” –, as experiências das crianças educadas nas maternidades nem sempre lhes proporcionam segurança. Uma das fontes de experiências desagradáveis podem ser os movimentos rotineiros, “mal aprendidos”, das educadoras.

A educadora tem cada dia em seus braços diversos bebês, troca-os, banha-os, dá-lhes o que comer, deita-os novamente ou os deixa em um lugar destinados às brincadeiras. A repetição das diversas situações e operações tem, inevitavelmente, uma influência nos gestos da educadora.

Os movimentos que, durante o processo de trabalho se repetem com frequência se tornam, em geral e justamente por seu caráter repetitivo, mais curtos, mais rápidos e mais eficazes e, em certa medida, automáticos. A datilógrafa, a ajudante de laboratório e a tecelã experiente executam grande parte de seu trabalho com grande rapidez, quase automaticamente, não se distraem com os detalhes.

O trabalho da educadora se vê igualmente facilitado se uma parte de seus movimentos se torna rápidos e mecânicos, se é capaz, por exemplo, de preparar de maneira muito rápida a troca de fraldas e os objetos necessários para trocar ou vestir o bebê; se tem a habilidade de fixar com rapidez a gaze

com o plástico, se coloca a criança a seu alcance, em uma palavra, se não fixa toda a sua atenção nos “processos técnicos” das diferentes operações.

Mas o próprio fato de que os movimentos que estão diretamente ligados à criança sejam mais curtos, mais rápidos e mecânicos representa um grande perigo. Esse tipo de movimento não permite, ou seja, impede que o pequeno possa preparar-se convenientemente para o gesto em questão ou que tome parte de uma forma ativa na operação aproximando-se, se for conveniente, à educadora. Alguns dos gestos rotineiros são destinados justamente a impedir que a criança desenvolva sua atividade com a finalidade de que o trabalho seja mais rápido. Estes gestos contêm, geralmente, alguns elementos bruscos e é onde resultam duros e como consequência, desagradáveis. Não permite que o bebê, sintá-se à vontade no momento que lhe dedicamos. Enquanto estão acontecendo esses movimentos repetidos por muitas vezes, ficam excluídas também outras formas de relação criança-adulto, especialmente a troca de olhares.

A maneira de cuidar da criança contém, para o bebê, numerosas informações. Os movimentos ternos e delicados expressam atenção e interesses, enquanto que os gestos bruscos são um sinal de desatenção, de indiferença ou de falta de paciência.

Por exemplo, se a educadora chama por seu nome ao bebê que está posicionado de barriga para cima, se busca o olhar daquele que está no parque, se espera que perceba a sua presença, a criança se prepara para que o adulto a pegue no colo com um gesto apaziguador e lento, enquanto lhe pega a cabeça e o corpo; assim pode evitar o tremor do pequeno causado por um movimento rápido e inesperado, ao mesmo tempo que pode fazê-lo ver que espera por sua participação, que está ciente de sua cooperação em tudo aquilo que virá.

Ao contrário, se a educadora pega a criança em seus braços de forma brusca e inesperada, puxando o seu corpo ou os seus braços, não obterá apenas uma experiência desagradável para a criança, senão que para ela significará que a educadora não espera a sua colaboração e não lhe concede o tempo necessário para se preparar para um ou outro gesto, neste caso, considera-se a criança como um objeto pouco apreciado e sem valor que não tem necessidade de ser tratado com precaução e ternura.

Os pequenos educados em nossas instituições experimentam “ainda” numerosos gestos rotineiros, mal executados, que não asseguram o mínimo sentimento de conforto e que, finalmente, impedem que nasça qualquer tipo de relação afetiva entre o pequeno e o adulto.

Quando, para limpar-lhe a bundinha, a educadora põe o bebê (às vezes também a criança de 12 a 18 meses) embaixo da torneira como se tratasse de uma roupa que a gente leva pendurada no braço (coisa que não permite o movimento) pode realizar muito rapidamente essa operação, mas o pequeno não sabe a princípio o que acontecerá depois, não sabe quando o tal gesto da educadora ou o jato de água irá bater sobre suas pernas, quando começará a ser ensaboado ou enxaguado. A criança não tem nenhuma possibilidade de participar na operação, nem de expressar seus sentimentos de satisfação ou descontentamento (por exemplo, se a temperatura da água lhe parece desagradável ou não). A educadora não pode nem ver seus olhos. Disso se deduz que tudo aquilo que acontece não tem nenhum tipo de interesse, nem importância para ela.

Na hora de comer, a criança, sentada nos joelhos da educadora, tem um braço preso entre o adulto e o seu próprio corpo e em outro imobilizado pelo braço do adulto, que coloca o prato tão perto como pode do queixo do pequeno; esta postura não somente impossibilita qualquer participação senão qualquer tipo de reclamação. Fato que significa também que a criança não poderá exercer nenhum tipo de influência no processo da refeição; para a educadora pouco importa saber se a criança gosta ou não da comida ou se o ritmo de seus movimentos é confortável ou não, ou se a quantidade de comida oferecida lhe convém. Deste modo, a experiência agradável da refeição se torna algo pesado, extremamente desagradável para o pequeno.

Agora, a criança se senta à mesa e a educadora lhe dá comida de pé, por detrás, entre suas pernas, de forma que não pode se opor a nenhum movimento do adulto, não pode demonstrar nem com o rosto, nem com a expressão dos olhos se quer ou não continuar comento. Estes gestos demonstram à criança que a educadora não está interessada em conhecer a sua vontade.

Há algumas vezes em que a criança, sentada em cima do trocador, se vê bruscamente puxada pelo adulto que lhe atrai para perto pelas pernas, sem preveni-lo, sem antes pedir permissão e sem esperar a sua reação; ou,

enquanto o veste, o puxa pelos braços de uma só vez enquanto a criança permanecia sentada ou de pé, impedindo-a assim de sentar-se, levantar-se ou deitar-se sozinha. Práticas desse tipo levam inexoravelmente a criança a considerar o tempo passado com a educadora como muito desagradável – cair para trás pelo efeito do desequilíbrio é desagradável, frequentemente a cabeça da criança bate contra a mesa – e lhe induz a pensar que a presença da educadora não é um bom momento para realizar uma atividade comum – como cócegas ou brincadeiras.

Quando a educadora troca a criança com movimentos rápidos, quando o coloca de pé, virado de frente, segurando a cabeça entre suas pernas exclui qualquer troca de olhares ou de palavras. A educadora só vê as costas da criança, só se ocupa da higiene, sem lhe dar nenhuma atenção, esquece-se completamente dele.

Quando a educadora pega a criança pelo pulso ou pelo antebraço, quando o puxa para trás ou quando puxa tocando a cabeça ou as costas, esse movimento também contém elementos violentos, essa forma de tratar a criança demonstra que o adulto não tem nenhuma confiança nele que não acredita que ele seja capaz de compreender o que o adulto deseja dele. Esses fatos também podem mostrar que o adulto não está feliz com o ritmo da criança avançar.

A gente pode se questionar se os maus hábitos mencionados anteriormente são inevitáveis, ou não, no trabalho da educadora.

Experiências de dezenas de anos provam que é possível evitar as mesmas atitudes no trabalho e que a educadora é capaz de se livrar dos gestos rápidos mecânicos e mal aprendidos, mas esse último processo é difícil de colocar em prática de uma forma aceitável.

Para se livrar dos maus costumes, antes de qualquer coisa, é necessário que a educadora mude a sua atitude. O interesse sincero, os esforços abertos com o propósito de obter uma verdadeira cooperação tornarão em geral as suas mãos, sensíveis, delicadas e ternas.

Mas esse processo não acontece de forma automática.

No que se refere ao desenvolvimento e a mudança do comportamento da educadora a “cultura”, a ternura da mão exerce um papel muito importante, da mesma forma que os movimentos que comunicam segurança e que resulta mais agradáveis aos pequenos, coisa que permite a eles a cooperação com o adulto.

A descrição detalhada e minuciosa desses movimentos aparece em nosso manual publicado faz mais de vinte e cinco anos (escrito pela doutora Emmi Pikler).

Ensina-mos as educadoras a levantar, segurar e pegar o bebê no colo, de forma que, durante todo esse tempo não perca o sentimento de segurança física.

Nossas educadoras pegam os bebês no colo, quando estes ainda são incapazes de segurar a cabeça e o corpo erguidos, de maneira que o corpo e a cabeça se encontrem bem sustentados. É importante que a criança, que a educadora pega no colo, sinta-se continuamente tranquila.

As educadoras aprendem a segurar os recém-nascidos sobre seus joelhos de forma que não impeçam nenhum de seus movimentos, assim a criança pode tocar a mão e o rosto do adulto e pode se mostrar ativo em tudo o que acontece com ela.

As educadoras aprendem não apenas a terminar bem as diferentes operações que fazem parte de seu trabalho, senão também, dito de outra forma, a “sentir” com as mãos. Observando e prestando atenção às reações da criança, chegam a encontrar gestos agradáveis, cheios de ternura, que não incomodam a criança.

Aprendem também a cuidar dos bebês e dos pequenos com o ritmo que convém a eles, que dê tempo e possibilidade de se preparar para a aproximação do adulto e dos diferentes movimentos.

Por exemplo, a educadora chama a criança à qual se dirige sempre pelo nome. Espera que o bebê manifeste através de algum sinal que percebeu que está acontecendo. No geral durante esse tempo seus olhares se encontram, a educadora não pega a criança enquanto não percebe através do contato físico com o bebê, que ele espera seu gesto. Cooperar, participar nas diferentes operações significa, no fundo que a criança responde com seus

próprios movimentos ao pedido ou aos gestos que já foram iniciados pela educadora. Mas para fazer isso, o bebê precisa de tempo. Os pequenos não podem se preparar para os movimentos que se sucedem a um ritmo rápido e, além disso, são totalmente incapazes de responder a eles.

As educadoras aprendem a realizar com mais lentidão aqueles movimentos dos quais esperam a resposta da criança e contam com a sua participação. Enquanto estão vestindo a criança se segurassem o braço do bebê, e colocassem imediatamente a blusa ou se, enquanto o alimentassem, apresentassem a comida de maneira que o copo estivesse a tocar sua boca, ou dariam a possibilidade dela esticar a sua mãozinha até a blusa ou o copo. Qualquer operação executada com rapidez torna o gesto do pequeno algo completamente supérfluo.

Caso a educadora execute seus movimentos considerando o movimento-resposta da criança, modificam-se seus gestos conforme os gestos do bebê vão pedindo, está dando a possibilidade de ele participar nas diversas operações de atendimento.

As educadoras aprendem a chamar a criança, a lhe dar alguma coisa ou a pedir alguma coisa ao bebê. Estes três gestos são, no fundo, movimentos interrompidos. Quando a educadora chama a uma criança ou lhe dá um objeto, ou quando pede que lhe dê alguma coisa se começa a realizar um gesto que não termina imediatamente, a educadora fica alguns instantes, imóvel, esperando a resposta. Este gesto expressa a espera e oferece a possibilidade de escolha. Os movimentos se interrompidos, o pequeno tem a possibilidade de agir de forma independente.

O gesto da demanda exerce um papel particularmente importante na relação educadora-criança. Da mesma forma de que o gesto de chamada e oferta ou de demanda simboliza uma aproximação pacífica e uma boa prova de que a pessoa que pede alguma coisa não quer conseguir seu desejo através da força. Este gesto expressa que, em vez de agir sozinho, o adulto espera a ação do bebê, por exemplo, espera que o pequeno coloque alguma coisa na mão, como um pequeno pedaço de maçã que não quer comer, ou as mezinhas que acabou de tirar. A atitude do adulto que pede alguma coisa para a criança e espera, oferece a possibilidade para ele decidir por si próprio e de atender à espera e ao desejo do adulto: esta atitude consiste, ao mesmo tempo, um modelo, um exemplo.

Não podemos exigir à criança que peça a outro pequeno um brinquedo que deseja, no lugar de ir lá e tirar, se o adulto mantém esse comportamento com ele, quer dizer, se ele vai e pega o objeto da mão do bebê sem pedir.

A mão do adulto é, portanto, para o pequeno uma fonte importante de experiências.

Na maternidade é mais fácil conseguir que as educadoras tenham uma atenção sorridente, que falem com as crianças em lugar de conseguir que seus movimentos sejam delicados e ternos. Citamos para este caso a Vercers:

“esse dia aprendi que a mão pode refletir, para aquele que sabe observar, as mesmas emoções que o rosto, ou melhor, ainda que um rosto, já que a mão escapa mais do controle da própria vontade”.

Atualmente, sabemos que uma educadora não pode se ocupar corretamente das crianças se não é capaz de demonstrar a elas um interesse real, estando atenta a todas as reações do bebê e se apressando para responder a ele. E esta atenção não será completa se utiliza para isso apenas os olhos e o ouvido, se só responde através de palavras e sorrisos; é necessário que toque a criança com mãos carinhosas, com mãos que esperam uma resposta e que estão sempre dispostas a receber essa resposta.

Nossas experiências, além do interesse pela criança e a criação de outras condições para uma atenção solícita, mostram que a “cultura” da mão e os movimentos conscientes permitem cuidar dos bebês e dos pequenos de forma que eles se sintam bem; assim, sua tranquilidade, sua alegria e sua participação ativa influenciam de maneira favorável o comportamento da educadora.

A. T.

Instituto Emmi Pikler Budapest

Tradução: Sheilla André

Centro de Formação UNIPRE

Revisão da tradução: Sylvia Nabinger

